



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

BEATRIZ GOMES DOS SANTOS

**OPERADORAS DE CAIXA DE SUPERMERCADO: O TRABALHO
COTIDIANO**

PORTO VELHO

2016

BEATRIZ GOMES DOS SANTOS

**OPERADORAS DE CAIXA DE SUPERMERCADO: O TRABALHO
COTIDIANO**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciatura e bacharelado.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Meireles

**PORTO VELHO- RO
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S237o Santos, Beatriz Gomes Dos.

Operadoras de caixa de supermercado: o trabalho cotidiano / Beatriz
Gomes Dos Santos. -- Porto Velho, RO, 2016.

43 f. : il.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Márcia Meireles

Coorientador(a): Prof.^a Esp. Daniele Severo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) -
Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Trabalho. 2.Operadoras de Caixa. 3.Família. 4.Produção. 5.Tarefa. I.
Meireles, Márcia. II. Título.

CDU 304

A Deus e a Jesus Cristo por toda a força.
Aos meus pais Claudete e José Rodrigues que
sempre me guiam no bom caminho da vida e meus
irmãos Letícia e Rodrigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Jesus pela realização deste trabalho.

Agradeço, em especial, a minha orientadora professora doutora Márcia Meireles, pois me orientou todo o tempo durante o curso de Ciências Sociais, me ajudando na elaboração deste trabalho.

A todos os professores do curso em geral que são: Carlos Santos, Fernando Danner, Nino Amorim, Estevão Fernandes, João, Antônio Barbosa, Maurício, Adilson, Vinícius Miguel, Paulo Moraes, Maria do Carmo, Patrícia, Sérgio, Arneide Bandeira, Norton Caetano.

Aos professores Ari Otti e Ricardo Rodrigues em especial, pelo fato de o tema da pesquisa ter origem na disciplina de metodologia, eles deram a ideia e me incentivaram na continuação da presente pesquisa.

Aos professores João Paulo Saraiva e Clarídes, pelo incentivo.

À professora Daniele Severo pela orientação

À Lia da Dirca e a professora Barby.

Meus professores da escola João Bento da Costa: Mônica, Russimeire, Nazareno, Tadeu, Nezinho, Arimatéia, Kate, Raimunda, Doralice, Décio, Francisco, Prestes, Aluízio, Diego, Luzia, Socorro, Vanderlei, Alessandra, Fabrício, Élide.

A todos os meus colegas da turma de 2011 do curso de Ciências Sociais que me deram força e apoio.

Aos meus professores da escola Bela Vista: Maria Zilene, Érica, Adison Kléber, Orlando, Laura, Emília, Ferreira, Milton, Edna Carla, Sérgio, Wilson, Muniz.

A todos que me apoiaram na realização deste trabalho.

À minha família.

A todas as pessoas que me deram força e disseram para seguir nos estudos.

RESUMO

O presente estudo consiste na análise do trabalho das operadoras de caixa de um supermercado de Porto Velho, analisando o seu trabalho no cotidiano de suas funções. O trabalho destas visa atender ao público e está ligado ao trabalho repetitivo de realizar as mesmas funções todos os dias do cargo que foi imposto às mesmas enquanto trabalham para a empresa. As operadoras se dividem no trabalho e nas suas funções de mulheres que cuidam de suas casas e que precisam trabalhar para o sustento de sua família, sendo uma rotina exaustiva de trabalho até aos domingos e feriados do mês.

Palavras-chave: Trabalho; Operadoras de Caixa; Família; Produção; Tarefa.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA	9
2.1 Um olhar do pesquisador: procurando compreender os sujeitos da pesquisa a partir da realidade social	11
2.2 Entrando em Pesquisa de Campo	12
2.3 A Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: Uma Reflexão	15
2.4 A Pesquisa nos Caminhos da Escrita	16
2.5 Coleta dos Dados: Diário de Campo e Outras Fontes Documentais.....	177
2.6 O Campo e Suas Descobertas Durante a Pesquisa.....	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO	26
4 RESULTADOS DA PESQUISA	32
4.1 Postos de trabalho das operadoras de caixa	344
4.2 O Código de Barras	37
4.3 Organização do trabalho das operadoras de caixa	38
4.4 A entrega do dinheiro.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi feita com as operadoras de caixa de um supermercado de Porto Velho. Tendo como análise o trabalho de suas funções do cotidiano das tarefas repetitivas que fazem no seu posto enquanto trabalhadoras.

As referidas funcionárias que serão objeto de estudo desta pesquisa encontram-se no mercado desde sua abertura, se organizam e estão para uma única finalidade: de cumprir o seu trabalho. Além da necessidade da realização do trabalho em si, há o dever de operar, passar a mercadoria, de atender aos clientes e de, possivelmente, evoluir na sua função para qual foi selecionada, tendo que se aperfeiçoar a cada dia para realizar um bom trabalho, junto com as máquinas, a necessidade da rapidez ao passar as compras e na entrega do troco certo para o cliente, para assim não obter prejuízos no seu salário mensal.

2 METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

Esta pesquisa consistiu ir a campo, é de observação participante, do tipo estudo de caso. Para Creswell (1994, p.32) esse tipo de pesquisa é o modo no qual “o pesquisador explora em profundidade um programa; um fato, uma atividade, um processo, uma ou mais pessoas”. Isto é, tivemos como premissa estudar as atividades cotidianas que as operadoras fazem quando estão no ambiente de trabalho, que é operando os caixas de supermercados.

Em princípio, fora observado o modo como as referidas funcionárias trabalham na frente do caixa do supermercado (doravante supermercado x), pelo fato de estar limitando o estudo e sendo que a partir das análises dos resultados desta investigação contribuiram para visualizar este espaço nas práticas das ações que de acordo com Creswell (1994) é quando os pesquisadores observam um trabalhador usando uma habilidade complexa”.

Sendo importante ressaltar o olhar do observador para a reflexão dos dados na ida ao campo como nos foi apresentado na Disciplina de Estágio I com a professora Doutora Márcia Meireles. Desta forma concentrou-se nesta pesquisa observar o modo como as operadoras de caixa trabalham, como explica Cardoso (1998):

Talvez a primeira experiência de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade (CARDOSO, 1998, p. 19).

De fato, se concentrando em analisar o trabalho destas funcionárias de supermercado de Porto Velho, vencendo também adversidades encontradas. Tendo em vista que segundo Malinowski (1954) é “de fundamental importância demonstrar as dificuldades que encontrei e o modo pelo qual procurei resolvê-las”. Tendo como base os sujeitos sociais que passam a maior parte de seu tempo no ambiente fechado.

Procurando interpretar as coisas observadas no campo, que segundo Geertz, “uma boa interpretação de qualquer coisa – poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que propomos interpretar” (1978, p. 13). Sendo direto no local da pesquisa que tem a melhor compreensão dos fatos que se busca encontrar.

A observação participante, na qual é direto ao campo, as entrevistas e o diário de campo são os métodos utilizados neste presente trabalho, no qual foi buscado ao máximo utilizar enquanto era observado os fatos, sendo estes os procedimentos para a análise das situações do método de pesquisa, do objeto de estudo que segundo Soriano (2004):

Métodos e técnicas são ferramentas metodológicas da pesquisa, pois permitem instrumentar seus diversos processos específicos, fazendo com que as atividades intelectuais e práticas visem à consecução dos objetivos formulados (SORIANO, 2004 p. 64).

Antes de utilizar os métodos citados, o objeto de estudo nasceu das aulas de metodologia ministradas na Faculdade e, desse modo, das pretensões de escrita deste trabalho, pois os conhecimentos apreendidos na faculdade permearam para a construção desse trabalho científico. Para Soriano (op. cit.) “o estabelecimento dos objetivos é parte fundamental do estudo, pois os pontos de referência ou assinalamentos é que guiam o desenvolvimento e a eles visam todos os esforços” (SORIANO, 2004, p. 57).

Os métodos¹ foram os instrumentos pelos quais possibilitaram a colher às informações que necessitava para a realização desta pesquisa, sendo um meio para a obtenção dos dados vistos no campo dedicados em analisar no período que fiz a pesquisa no supermercado x, como explica Clifford Geertz:

Os métodos e teorias da ciência social não estão sendo produzidos por computadores, mas por homens e mulheres e, sobretudo por homens e mulheres que trabalham não em laboratórios, mas no mesmo meio social a que se aplicam os métodos e se transformam as teorias. É isso que confere à empreitada como um todo o seu caráter pessoal (GEERTZ, 2001 p. 31).

Esse processo é justo, pois os pesquisadores são seres humanos que usam a reflexão para entender os fenômenos sociais que estão inseridos na sociedade. Sendo que o refletir das coisas é que leva à análise mais aprofundada dos fatos no local onde estão sendo feitas as observações da realidade social das pessoas.

O método científico é a parte que conduz o pesquisador ao objeto de estudo, propiciando os métodos para a facilitação do entendimento acerca dos fatos em que o observador presencia no local do campo que afirma Goldenberg:

Método científico é a observação sistemática dos fenômenos da realidade através de uma sucessão de passos, orientados por conhecimentos teóricos, buscando explicar a causa desses fenômenos, sua correlações e aspectos não-

¹ Os métodos são importantes porque facilitam a clareza do trabalho e dos dados coletados no campo.

revelados. É a maneira como o homem usa os instrumentos de pesquisa para desvendar o conhecimento do mundo. É por meio do Método Científico que novas teorias estão sendo incorporadas e que os conhecimentos anteriores são revistos, de acordo com os resultados de novas pesquisas. A característica essencial do Método Científico é a investigação organizada, o controle rigoroso de suas observações e a utilização de métodos teóricos (GOLDENBERG, 2004, p. 105).

E por isso que quando sentada na cadeira para escrever o trabalho, os dados já estavam organizados em uma pequena sacola de plástico que estava junto com o diário de campo que desde a disciplina de estágio I com a orientadora professora Doutora Márcia Meireles, que incentivava a sempre a fazer as anotações de qualquer fato percebido, sendo estes, de suma importância.

Então, procurei ter enfoque só naquele fato, o estudo de caso², que era importante para a pesquisa, que poderia contribuir com o objeto de estudo do trabalho que Goldenberg fala “este método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso” (2004, p. 33). Que:

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto (GOLDENBERG, 2004, p. 33).

2.1 Um olhar do pesquisador: procurando compreender os sujeitos da pesquisa a partir da realidade social

Durante a realização da pesquisa foi possível aprofundar o olhar para as situações observadas na visita ao local da coleta dos fatos descritos, focalizando a reflexão para o objeto de estudo que:

(...) ensinar o “olhar científico” e mostrar que a pesquisa não se reduz a certos procedimentos metodológicos. A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância (GOLDENBERG, 2004, p. 12).

Por isso o olhar contribuiu para relacionar os fenômenos que até então eram desconhecidos e começando a compreender quando observados usando o “olhar

²O estudo de caso me ajudou a delimitar o meu objetivo na ida ao campo para a coleta dos dados.

científico³ da Universidade Federal de Rondônia, junto com a professora Márcia que despertou para a investigação dos fatos como ciência, deixando o senso comum. Assim a disciplina e a organização dos textos auxiliaram na elaboração desta pesquisa.

Os métodos são os meios para clarear o desenvolvimento do trabalho como Goldenberg afirma “os caminho que tenho buscado seguir. Assim quando falo de metodologia estou falando de um caminho possível para a pesquisa científica”. (2004, p.13). E isso me possibilitou a criar as técnicas possíveis para a elaboração e a chegada das hipóteses dos fatos encontrados.

A metodologia é o modo de como se chegar na obtenção dos resultados pretendidos para a delimitação dos objetivos da pesquisa, afirmando Goldenberg “Metodologia Científica é muito mais do que algumas regras de como fazer uma pesquisa. Ela auxilia a refletir e propicia um “novo” olhar sobre o mundo: um olhar científico, curioso, indagador e criativo” (2004, p.10).

2.2 Entrando em Pesquisa de Campo

Quando o pesquisador está em pesquisa de campo ,se depara com o desafio de escrever e se pergunta : O que analisar aqui? E escrever o quê? Como identificar os fatos? Então essas perguntas são feitas num momento em que está sem saber por onde começar e de como dialogar e fazer as perguntas com aquelas pessoas que estavam no campo.

Sendo tudo novo, a primeira experiência no contato direto com os indivíduos sociais do objeto de estudo que foram analisados toda vez num pequeno diário de campo onde fazia as anotações de tudo que era importante para a pesquisa que:

Devemos lembrar ao leitor que esse esquema teórico, embora vagamente vislumbrado no início, foi aplicado de modo imperfeito, pois a técnica para sua aplicação no trabalho de campo teve que ser elaborada pouco a pouco, através da experiência (MALINOWSKI 1954, p. 157).

E pela pouca experiência encontrada em analisar as pessoas que estavam ao redor e na frente, logo nos primeiros dias no campo, estava um pouco nervosa, pela maneira de tudo aquilo ser estranho e por isso a concentração em continuar a escrever

³ O olhar científico me possibilitou a sair do pensamento comum para uma argumentação crítica que criei no curso de Ciências Sociais, junto com todos os professores do curso, que me ensinaram a pensar e me proporcionaram o acesso aos seus conhecimentos.

os dados que segundo Cardoso “é seguramente, no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica” (1998, p. 25).

De certa maneira, para continuar a escrever, ali sentada em uma cadeira de plástico entre os dias quente, com o celular para tirar as fotos das operadoras de caixa sempre ao meio dia até as duas horas da tarde, desde janeiro de dois mil e catorze com a caneta e com o diário de campo e até muitas das vezes com uma folha de papel solta que , a cada dado importante, anotava tudo nas pressas para continuar a ver com o olho científico o que não conseguia enxergar no senso comum.

Então foi ali num pequeno corredor que comecei a descrever os fatos, o que estava acontecendo com aquelas pessoas, sobre as conversas que falavam num corredor e que elas conversavam assim:

O que tanto você escreve? È cartinha? (uma operadora perguntou)
- Não eu escrevo um texto que estou fazendo para a minha disciplina no meu curso que estou fazendo (eu respondi)
- Ela ficou andando de um lado para o outro e veio de novo na minha frente e perguntou?
- Mas sobre qual assunto?
Estou fazendo uma pesquisa de tudo que observo na realidade em que me encontro inserida.
- Você já terminou os estudos (outra perguntou)
- Ainda não terminei (respondi)
(Diário de campo, 3 de fevereiro de 2014).

De fato, para as operadoras terminar os estudos significava a conclusão do ensino médio, que para elas é um alívio terminar, pois nem sempre conseguem cursar o terceiro ano devido às adversidades que, em grande parte, a maioria delas possuem famílias, são casadas e têm filhos, como afirma a operadora x “*queria ter tempo pra terminar os estudos, mas pra mim não dá, tenho que trabalhar pra sustentar meu filho*” (caixa 7, fevereiro de 2014).

Diante desse contexto, procurando compreender o estilo de vida que elas se inseriram e o modo que elas se ocupavam durante o dia dentro do mercado, como por exemplo, faziam a limpeza dos vinte e um caixas, umas três vezes por semana, sendo o primeiro que o caixa que só se atende se tiver com dez mercadorias o “caixa rápido”⁴, que são formados por quatro checape que são os caixas pequenos que não precisam de empacotadoras até o último. Eles abrem apenas se tiver muito movimento, como ocorre aos sábados e domingos.

⁴O caixa rápido como o próprio nome diz, é uma forma do cliente ser atendido mais rápido, caso ele possua até dez mercadorias.

A função de registrar o que se passava na pesquisa de campo e de observar o local e as pessoas foram cruciais para a elaboração da escrita desse trabalho. Todos os dados foram importantes para a análise e interpretação final que antes de serem inseridos na pesquisa social permitiam que as ideias ficassem mais claras, assim como elucida Cardoso (1998):

Devemos entender, assim, por escrever o ato estreitado por excelência ... cujas características o singularizam de forma marcante , sobretudo quando o compararmos com o que se escreve no campo , seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas (CARDOSO, 1998, p. 25)

Desta maneira, era necessário exercitar o ato de escrever, que em grande parte do trabalho ajudou bastante na construção do tema de pesquisa, sendo necessário delimitar bem o tema para continuar trabalhando no que era mais importante nos dados coletados na pesquisa. Soriano (2004) cita que:

Na escolha dos temas de pesquisa influem múltiplos fatores que limitam ou condicionam; no caso ideal de essa influência ser mínima, seria conveniente listar os problemas sociais que podem ser pesquisados, estabelecendo uma hierarquia de acordo com a magnitude, a transcendência a vulnerabilidade e a facilidade e levando em consideração, também, os interesses intelectuais do próprio pesquisador e dos outros membros da equipe interdisciplinar (SORIANO, 2004, p. 41).

Percebe-se que entrar no campo é uma experiência única que faz o pesquisador exercer reflexões do cotidiano das pessoas que se encontram inseridas no ambiente de trabalho. A realização do trabalho que fazem é o motivo que as fazem lutar pela sobrevivência, pois essas mulheres são vencedoras e muitas vezes precisam se desdobrar para assumir as responsabilidades dentro de suas famílias, cuidando de seus filhos, sendo que algumas precisam pagar até creches para colocarem seus filhos enquanto trabalham.

Diante disso, já tinha a escolha do tema de pesquisa na disciplina do professor Doutor Ari Ott, porém encontrei dificuldades para estudá-lo, porque teve o surgimento dos problemas, que até então como sendo difícil de pesquisar devido até mesmo ter que acompanhar as pessoas e ter que elaborar as perguntas certas que faziam sentido naquele instante, desse modo:

A análise da problemática social mediante a pesquisa deve ter por base, como já temos dito, uma determinação de prioridades voltada para a resolução das necessidades mais urgentes da população. Ignorar ou deixar de lado o estudo de situações difíceis ou complexas equivale a desistir da responsabilidade do cientista social consciente do seu papel histórico na sociedade à qual pertence, optando pelo conformismo reacionário (SORIANO, 2004, p.39).

A dificuldade do trabalho quase desestruturou a pesquisa, tanto pelas situações difíceis, como pela elaboração do tema de trabalho, pois já tinha coletado os dados que inclusive eram muitos, mas não sabia como delimitá-los, pois eram muitos pedaços de papéis colocados um em cima do outro.

De fato, buscando analisar um tema⁵ que se encontrava perto e que ao mesmo tempo seria de utilidade para a sociedade em si, colaborando para a questão do indivíduo no seu comportamento dentro da sociedade, Soriano (2004) diz que:

Por essa razão, o pesquisador deve defender abertamente a escolha de temas de verdadeiro interesse para a comunidade e que permitam sensibilizar as pessoas incumbidas de tomar as decisões, até que se consiga uma ampla compreensão da problemática social (SORIANO, 2004, p. 39).

2.3 A Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: Uma Reflexão

A pesquisa desenvolvida foi uma dádiva recebida dentro do curso de Ciências Sociais, sendo um presente para a carreira acadêmica, tendo aprendido a ter uma concepção científica dos fatos sociais que se vê nas instituições que segundo Goldenberg (2004):

Ao se pensar nas origens da pesquisa qualitativa em ciências sociais, corre – se o risco de se perder num caminho longo demais, que procurando as origens das origens não chega jamais ao fim... Não pretendo fazer um caminho tão longo, mas para situar a questão da utilização de técnicas e métodos qualitativos de pesquisa nas ciências sociais dentro de uma discussão filosófica mais ampla... Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseando no modelo de estudo das ciências da natureza (2004, p. 16).

Sendo a construção de uma reflexão para além dos fatos vistos e que foram relacionados com as teorias encontradas, que possibilitaram a pensar nas hipóteses levantadas, em fazer um exercício com todas as teorias que eram vistas ao longo do curso de ciências sociais que é:

Uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão; ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas... O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados (CRESWELL, 1994 p.35).

Os dados clareiam para que se possa chegar à descoberta de um tema de pesquisa, juntamente com os métodos, para delimitar ao máximo para que a pesquisa

⁵A escolha do tema é essencial pelo qual ajuda a encaixar a teoria com os fatos e dá sentido ao trabalho, fazendo com que a sociedade compreenda.

seja feita, focalizando aquele objetivo que está sendo estudado: a problemática social em que o problema precisa ser resolvido e exposto para se encontrar dados que venham a propor uma solução para este que está sendo estudado pelo pesquisador.

2.4 A Pesquisa nos Caminhos da Escrita

A pesquisa nos caminhos da escrita deu suporte para poder seguir em frente porque tudo o que via no campo se escrevia, mesmo não tendo muita importância para o objeto da pesquisa estudado, no entanto, sabia que serviria para alguma coisa, então se anotava e deixava separado junto com os outros na sacola, pois:

O momento de escrever, marcado por uma interpretação, faz com que aqueles dados sofram uma nova “refração”, uma vez que todo o processo de escrever, ou de inscrever as observações no discurso da disciplina, está pelo contexto do *beinghere* - a saber, pelas conversas de corredor ou de restaurante, pelos debates realizados em congressos, pela atividade docente, pela pesquisa de biblioteca ou *libraryfieldwork*, como, jocosamente, se costuma chamá-la, entre muitas outras atividades, enfim pelo ambiente acadêmico (CARDOSO, 1998, p.27).

Escrever é um “artesanato intelectual” que aprendi com a orientadora Doutora Márcia Meireles que ministrou as aulas do minicurso “a arte de escrever” que incentivou na escrita, fazendo entender que escrever é essencial para um acadêmico das ciências humanas, levando a um aperfeiçoamento da escrita no decorrer do aprendizado durante as disciplinas do curso.

Os encontros de pesquisadores que eram pequenas reuniões com os autores de dissertações e teses, que ocorriam no Campus com a regência da professora Doutora Márcia, fez despertar para os “caminhos da escrita”, fazendo ter um olhar crítico diante da sociedade, dos fatos sociais, da humanidade, dos indivíduos que são atores sociais nas diversas entidades sociais que segundo Malinowski (1978, p. 20), “deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência”.

Por isso que a escrita é fundamental para o acadêmico que deseja seguir na pesquisa científica, pelo fato de não enxergar mais o senso comum, contudo passando a entender os princípios e valores da sociedade que antes não tinha significado para o indivíduo em si, fazendo com que se desperte a vontade de escrever cientificamente.

Sendo o objetivo da pesquisa uma análise mais profunda das operadoras de caixa do supermercado x, explorando com mais detalhes a questão da interação entre

elas que passam a maior parte no ambiente de trabalho fechado, interagindo uns com os outros, levando em consideração os diferentes tipos de personalidades, modos diferentes de se pensar e compreender, pois cada um tem o seu pensamento diferente em relação o que pensa do indivíduo.

Dessa maneira, compreendo o “caminho da minha escrita” totalizando num todo, aplicando as técnicas de entrevistas que dava ênfase para a observação participante, isto é, utilizando as teorias que especificam uma visão para mostrar aos outros, dando atribuições das suas experiências como esclarecimento para o comportamento social.

A inter-relação com o método qualitativo, se objetiva nas questões ontometodológicas apresentadas pelo problema de pesquisa, isto é, as práticas empíricas e técnicas, trazendo a importância da preocupação com a ética na pesquisa qualitativa, com a concepção de ter uma interdisciplinaridade na hora de estudar um tema, sendo que num desenvolvimento de uma pesquisa deve retratar a relação do pesquisador com o sujeito ou sujeitos da pesquisa, demonstrando a importância de um bom Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A (TCLE) não é para o pesquisador, mas para o desenvolvimento do participante, que a avaliação ética é parte essencial da investigação e de toda pesquisa, ou seja, que o ser humano não deve ser visto apenas como instrumento para a obtenção de resultados, sendo que é necessário se ter o compromisso com a integridade de todos os envolvidos no processo, justificando que a TCLE tem por objetivo fazer com que os participantes das pesquisas compreendam os procedimentos.

Levando também a questão da consideração, do consentimento livre e esclarecido para fazer pesquisa com seres humanos, com ênfase para a proteção dos participantes de possíveis abusos e o pesquisador tem que ter o compromisso com a pesquisa e preservar as informações das pessoas que participaram da pesquisa e que a leitura chame a atenção das pessoas que estão lendo o trabalho, com a preocupação de encontrar as definições que respondam as dúvidas do que vem a ser o método qualitativo.

2.5 Coleta dos Dados: Diário de Campo e Outras Fontes Documentais

A coleta de dados é onde se percebe o que se quer de verdade para a pesquisa, ou seja, se aquele tema é o escolhido para desenvolver ao longo dos dias de visita no campo para a coleta dos dados que, segundo Malinowski (1978 , p.20) explica, “deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência”. Sempre revisando os dados que foram encontrados no campo, como ressalta Soriano (2004):

O verdadeiro trabalho científico consiste certamente em definir ideias e conceitos, formular novos conceitos, determinar a confiabilidade da informação colhida ou se ela é adequada ao problema em estudo e, sobretudo, estabelecer relações entre conceitos e fatos recorrendo às ideias de outros autores, bem como por meio da observação do fenômeno, que pode ser direta ou indireta (SORIANO, 2004, p.80).

O diário de campo é importante por conter informações que serão transcrevidas para a o corpo do desenvolvimento do trabalho científico, junto com o referencial teórico que se constituirá como a parte principal da pesquisa da coleta dos dados encontrados no campo. Sendo por isso a importância de usar o diário para as anotações, com relevante valor para as hipóteses que surgem durante a pesquisa que de acordo com Malinowski (1978):

A coleta de dados referentes a um grande número de fatos é, pois, uma das fases principais da pesquisa de campo. Nossa responsabilidade não se deve limitar à enumeração de alguns exemplos apenas: mas sim, obrigatoriamente, ao levantamento, na medida do possível exaustivo, de todos os fatos ao nosso alcance (MALINOWSKI, 1978, P.26).

Qualquer espécie de documento que se possa ter no estabelecimento no qual acontece a coleta de dados, vem a ser de grande utilidade para a concretizar o trabalho, pois enriquece o texto com as informações que apresentam, principalmente, quando esses dados são de anos anteriores, demonstrando que o pesquisador foi mesmo com a responsabilidade de pesquisar até o passado do objeto de estudo.

Os documentos que são usados no cotidiano da instituição em que se coleta os dados a respeito do campo, ajudam de forma útil a moldar o trabalho, fazendo com que a pesquisa se torne mais confiável, isto é, passa credibilidade e veracidade para o leitor que está lendo o texto, gerando o interesse pelos dados que são apresentados no texto científico.

Os fichamentos dos livros feitos durante as disciplinas do curso de ciências sociais comporam, em grande parte, a realização do presente estudo. Por isso, a

importância de se guardar todos os fichamentos que os professores pedem, e principalmente, os que são pedidos na disciplina de estágio I, II e III que:

O fichamento dos livros lidos, a partir das questões da pesquisa, é uma forma prática de juntar a teoria e o material empírico...Quando necessário, busco dados sobre determinado autor e referências de suas obras. Faço depois uma releitura, já com um roteiro estabelecido do que interessa fichar (GOLDENBERG 2004, p. 82).

O fichamento da teoria permite que o pesquisador compreenda melhor o seu tema de pesquisa que está sendo pesquisado, pois antes de ir a campo, já havia fichado os autores que uso neste trabalho, isto é, tornando pesquisa fácil na coleta e no momento relacionando a realidade dos fatos da vida real com o embasamento teórico dos autores mais importantes para a análise social que segundo Goldenberg (2004):

Ao fichar um livro, somos obrigados a ler com profundidade, buscando compreender cada ideia e categoria utilizada. Após essa leitura, todos os autores fichados passam a ser nossos amigos íntimos. Com o domínio dos autores podemos estabelecer um diálogo teórico verdadeiro com seus artigos ou livros (e não apenas citá-los). Somente dessa maneira os autores de tornam peças importantes nas interpretações do material coletado na pesquisa (GOLDENBERG,2004, p.84).

A teoria é a base que sustenta o trabalho científico porque seria a espécie de “coluna” que sustenta o corpo, isto é, a realidade se entrelaça com o embasamento teórico, fazendo com que as ideias ganhem veracidade na base de um referencial teórico, pois é algo que sustenta o trabalho, a pesquisa em si, dando a ela, argumentos científicos segundo a opinião dos autores que defendem as hipóteses e os pontos de vista abordados dentro da sociedade.

2.6 O Campo e Suas Descobertas Durante a Pesquisa

O campo foi uma descoberta diferente de tudo aquilo que é aprendido dentro da universidade, enquanto pesquisadora, um contato direto com o objeto de estudo da pesquisa, estando inserida como cientista social dentro da realidade em que pesquisava. Em relação à pesquisa de campo Geertz (2001, p.43) retrata que “o trabalho de campo é uma experiência educativa completa. O difícil é decidir o que foi aprendido”.

De fato, muitas coisas se aprendem no campo, como a observação direta dos dados que foi colhidos que é preciso focalizar o que se pretende pesquisar no campo, isto é, procurar delimitar o tema com os fatos que:

Definir as unidades de observação. Com isto será possível ter uma noção exata das características fundamentais que devem possuir os elementos da população (por exemplo, pessoas, moradias) para poderem ser considerados dentro do universo do objeto de estudo (SORIANO, 2004, p. 52).

O campo é delimitado o máximo possível para estudar melhor o tema escolhido na pesquisa em que se está trabalhando para que o leitor compreenda com clareza o que o autor está querendo transmitir dentro do texto. Sendo que a focalização do que se quer estudar dentro do campo é de suma importância para o abreviamento da realização do estudo.

Descobre-se que quando se vai para o campo deve saber o que realmente se quer, o que se pretende naquela região, se é o que de verdadeiro se busca como explica Soriano (2004, p.53) “Isto dá apenas uma ideia das dificuldades que o pesquisador deve resolver para conseguir delimitar e situar o problema conforme a sua perspectiva de análise. Mais situações e obstáculos surgirão na hora de analisar problemas concretos”.

Quando se entra no campo, as adversidades surgem sendo necessário ter força de vontade para superar os obstáculos e as dificuldades que aparecem no meio do caminho, pois a fé em Deus e a perseverança foram fundamentais para concluir a pesquisa, procurando ir sempre em frente, e mesmo não tendo vontade de escrever, revisava os escritos e sentava todas as noites no computador, na tentativa de escrever qualquer coisa ou fichar algum livro.

As idas ao campo foram cruciais para a pesquisa pelo fato de esclarecer melhor o objeto de estudo da pesquisa isto é, delimitando o máximo possível, os objetivos que:

Para conseguir delimitar e situar o problema é preciso conceitualizá-lo, tendo os propósitos que dão origem à pesquisa como ponto de partida e eixo das discussões. Uma vez que a pesquisa pode abranger diversos âmbitos de estudo, uma primeira forma de *fechar* o campo de análise do problema é assinalar os aspectos ou fatores que interviriam no fenômeno pesquisado e que são relevantes para a explicação (...) (SORIANO, 2004, p. 55).

Sendo assim, é importante focalizar o problema de pesquisa do campo, é preciso ir escrevendo apenas o importante para o trabalho, porque quando se chega lá se percebe muitas coisas que precisam analisar e buscar o olhar científico para poder ver o dado certo para a pesquisa.

No campo houve um desconforto, um estranhamento que se passava ali, sendo que é estranho ao se deparar com o que é novo, em relação a este ponto Malinowski (1978, p. 39) afirma “muitos dos seus costumes e instituições me eram mencionados

como estranhos e esquisitos”. Sendo assim houve o impacto da realidade vivida pelo o objeto de estudo abordado.

Cada movimento das pessoas no campo que foi observado servia de coleta para os dados, ou seja, não poderia deixar de escrever no diário de campo, no instante em que ocorreu uma aproximação com este objeto de estudo fez-se necessário uma busca de forma mais incisiva, por assim dizer, pelas operadoras de caixa, tendo em vista que:

O etnógrafo tem que percorrer esta distância ao longo dos anos laboriosos que transcorrem desde o momento em que pela primeira vez numa praia nativa e faz as primeiras tentativas no sentido de comunicar – se com os habitantes da região, até à fase final dos seus estudos, quando redige a versão definitiva dos resultados obtidos (MALINOWSKI, 1978, p.19).

Nos primeiros momentos que iniciei a minha entrevista foi difícil, porque tive que ir atrás do objeto de estudo, isto é, as operadoras de caixa, para pedir que me dessem a oportunidade de entrevistá-las, no horário de almoço, que é a partir do meio dia às duas, para aquelas que trabalham de dia. A coleta dos dados ocorria, principalmente, nos corredores quando eu via uma delas passando sozinha e com calma falava:

- Oi tudo bem! Eu posso te entrevistar para a minha pesquisa acadêmica?
- Se não demorar, pode sim, tô com pressa.
(diário de campo, 25 de fevereiro de 2014)

Então, foi assim que tive um impacto para a pesquisa, pois tudo isso foi cansando, pela maneira destas se recusarem de dar entrevistas, alegando não terem tempo para responder as perguntas do questionário, devido à pressa, porque o tempo era corrido para elas que tem se desdobrarem para ir em casa fazer almoço para seus maridos ou filhos e algumas delas apenas queriam um tempo para descansarem na área de descanso atrás do mercado.

Com isso, as entrevistas foram difíceis para coletar, mas mesmo assim, continuava a andar pelos corredores, parando algumas delas e pedindo que ajudassem com um pouco do tempo que dessem para fazer ,pelo menos as perguntas. E isso foi cansando, sendo uma barreira difícil de quebrar, com muitas vezes vontade de procurar outro tema para estudar, assim como elucida Malinowski (1978) “passei por fases de grande desânimo”, pois estas situações me faziam pensar se era aquilo que realmente queria para a elaboração deste trabalho.

Todos os dias no tempo que fiquei indo ao campo de fevereiro a maio, fui tentando ir ali para ver se elas cediam a qualquer resposta e contato até que fui me aproximando, tentando contato com elas. E esse começo foi difícil, até acostumar também com o campo, o local em que as observava, e isso era estranho pelo fato de nunca ter tido esta experiência na minha vida, ao mesmo tempo me sentindo como se fosse um nada, ali parada, sentada pela primeira vez.

No campo procurei elaborar as minhas próprias perguntas para se chegar ao ponto essencial para a minha pesquisa, como fazer a pergunta certa para elas que Goldenberg (2004, p.71) explica “a boa resposta depende da boa pergunta! O pesquisador deve estar consciente da importância da pergunta que faz e deve saber colocar as questões necessárias para o sucesso da sua pesquisa”.

Assim deve o pesquisador procurar fazer a pergunta certa para os entrevistados e também no questionário, se não colocar uma pergunta que está fora do tema de pesquisa e não tendo nada a ver com aquilo que está a problemática da pesquisa, o texto ficará uma coisa sem nexo, sem concordância com o tema que está sendo investigado no campo pelo pesquisador, sendo necessário fazer a pergunta certa na entrevista, tendo como vantagens:

1. Pode coletar informações de pessoas que não sabem escrever;
2. As pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
3. Maior flexibilidade para garantir a resposta desejada;
4. Pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições;
5. Instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções;
6. Permite uma maior profundidade;
7. Estabelece uma relação de confiança e amizade entre o pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados (GOLDENBERG, 2004, p. 88).

Na verdade, quando se está entrevistando a pessoa, no campo, ela fica mais a vontade para responder, do que escrever, porque ela demora mais, e nem responde todas as perguntas, às vezes por serem extensas demais, ou pelo fato de não conseguirem ler ou entender as perguntas que estão inseridas no questionário. Também se leva em consideração, de não quererem parar para ler e entender o que a pergunta quer dizer, ou seja, não tendo o hábito mais de escrever pela vergonha da sua letra.

As entrevistas foram melhores para se trabalhar pelo fato de as operadoras de caixa não terem tempo para escrever, pois quase não param para praticar o hábito de ler

e escrever, porque o cansaço é maior do que a força de vontade que elas têm, pois muitas delas, as que trabalham até as cinco, outras até as sete e as demais até às dez da noite, que na linguagem deles é “trabalhar até o mercado fechar”.

Conversando com elas, percebi o quanto estavam mais a vontade para falarem na entrevista. Eu usei como método a calma, porque percebi que devia agir normal, demonstrando firmeza e objetividade para conversar, tratando como se fizesse parte delas que:

Nesse jogo ou nessa “arte de fazer pesquisa o jogador precisa ter alguns atributos para poder entrar no campo científico”. Alguns podem ser vistos como internos atributos para pessoas que devem fazer parte do indivíduo que quer ser um pesquisador. Cito entre eles: ética, curiosidade, interesse real, empatia, paciência, paixão, equilíbrio, humildade, flexibilidade, iniciativa, disciplina, clareza, objetividade, criatividade, concentração, delicadeza, respeito ao entrevistado, facilidade para conversar com as outras pessoas, tranquilidade, e organização (GOLDENBERG, 2004, p. 69).

Essas são as características para se entrar no campo ao se iniciar as entrevistas com os indivíduos que ocupam aquela determinada instituição, isto é, tive que mostrar estas características durante o processo desta minha pesquisa que tive que ter a paciência com as entrevistadas em também receber um não como:

- Boa tarde! Posso te entrevistar um minutinho?
- Agora não, mais tarde (respondeu ela, com muita pressa).
- obrigada pela atenção! (eu respondi)
(diário de campo, 26 de fevereiro de 2014).

Desta maneira, este foi o modo que eu usei ,tentando sempre ser educada, calma e objetiva com elas, e principalmente tendo respeito nas perguntas que fazia, me cingindo de humildade nas conversas, não querendo ser superior a ninguém, e não falei nada do que eu era, somente me adentrei em fazer as perguntas e ser o mais breve possível.

Sendo que tratei de ser o mais breve possível em todas as vezes que ia entrevistar as operadoras, ou seja, procurei em não ter amizade com o campo, só indo mesmo cumprir as minhas obrigações como pesquisadora que:

O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada...Sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos. A lei, a ordem e a coerência que prevalecem em cada um desses aspectos são as mesmas que os unem e fazem deles um todo coerente (MALINOWSKI, 1978, p. 24).

A seriedade foi um dos principais requisitos usados para a entrada no campo, em todas as vezes que entrevistei as operadoras de caixa, tendo um olhar sério, porque primeiro que em todas as minhas coisas usei a seriedade para me acompanhar e assim, todas as minhas entrevistas acabavam bem em todos os momentos que eu iria me dirigir na direção delas tinha prudência com as palavras que pronunciava dentro das perguntas.

A coerência de estar fazendo as perguntas certas foi uma das preocupações que tive ao iniciar uma entrevista, isto é, se o que eu estava perguntado correspondia com a objetividade do meu trabalho de pesquisa, pois me importei em focalizar no tema da minha problemática, para a elaboração das minhas hipóteses de campo.

Procurei manter a ordem dos dados e das perguntas que fazia para as pessoas do campo, ou seja, busquei o equilíbrio dentro de minha mente para me concentrar em minhas ações, dentro do campo, dizendo para mim mesma que eu estava ali para cumprir a minha coleta de dados, e estudar o meu objetivo, me afastando do objeto de estudo, como cita Malinowski (1978), tendo diligência com o que eu falava para elas.

Também no meu campo de estudo tinha lugares que eu não podia ter acesso, era uma lei, segundo Malinowski (1978) e isso eu tinha consciência de que não poderia ultrapassar estes lugares não recomendáveis que as pessoas do campo tinham me falado, ou seja, obedeci a essas questões e só assim as coisas dariam certo naquele instante no campo de pesquisa na coleta dos dados.

A pesquisa de campo foi essencial para conseguir encontrar inspiração para escrever o trabalho, isto é, é crucial para as análises do mesmo em si, para poder embasar com o referencial teórico da problemática da pesquisa, ou seja, do tema de objeto de estudo que:

O pesquisador de campo depende inteiramente da inspiração que lhe oferecem os estudos teóricos. É certamente possível que ele próprio seja também um pensador teórico; nesse caso encontrará em si próprio todo o estímulo à sua pesquisa. Mas as duas funções são bem distintas uma da outra, e na pesquisa propriamente dita devem ser separadas tanto cronologicamente quanto em condições de trabalho (MALINOWSKI, 1978, p. 23).

A inspiração foi essencial tanto no campo, como na montagem do meu trabalho científico, porque quando eu não queria mais escrever a minha pesquisa, eu pedia sempre a Deus e a Jesus que me dessem forças para escrever de novo, olhando para o

meu método de coleta, o diário de campo, com todas as minhas anotações, incluindo as entrevistas. E foi o que me incentivava a sentar na minha escrivaninha, na frente do computador para me inspirar.

E essas coisas me influenciaram a escrever todas estas linhas e parágrafos deste trabalho que realizei. Sendo que foi preciso ter inspiração para continuar na lida da elaboração do texto científico que produzi. Minha família me ajudou em todos os momentos difíceis na confecção do meu “artesanato intelectual” que também aprendi com a minha orientadora, a professora Doutora Márcia Meireles.

Tive que ter também a atenção em todas as maneiras de agir das pessoas que estavam no campo, observando a maneira de como se comportavam em todos os momentos, mesmo até na hora das operadoras de caixa almoçar, até quando estavam a conversar na área de descanso, como se falavam, quando precisavam de alguma coisa como é que pediam, se falavam para alguém. Enfim, procurei me esforçar para demonstrar o melhor possível as minhas análises e concretudes que obtive nas minhas coletas de dados, junto com o meu referencial teórico.

E nisso fui coletando os meus dados que encontrava no campo, sempre usando a cautela e a seriedade que tratei com todas aquelas pessoas que estavam ali, tendo em mente que era o ambiente de trabalho do meu objeto de estudo que estava analisando, isto é, buscando os fatos que estavam inseridos na realidade social que Malinowski (1978, p. 25) ressalta “através da discussão, com os nativos de uma série de fatos realmente ocorridos, o etnógrafo tem a oportunidade de conhecer bem o mecanismo social ativado”.

O fato deve ser observado e procurar analisá-lo como explica Malinowski (1978, p.31) “porém, nesse mesmo particular, devemos empenhar-nos no sentido de deixar que os fatos falem por si mesmos”. Isto é, a realidade deve ser somente observada para se ter, assim, uma reflexão dos fatos que foram olhados que:

Nesse sentido, os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar... por meio do qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro “de dentro,” em sua verdadeira interioridade(CARDOSO, 1998, p. 34).

Sendo que o diário de campo é uma ferramenta de valor crucial pelo fato de estar nele todas as anotações da coleta de dados feitos no local da minha análise que foi no supermercado x , que tenho chamado o meu campo desde o início de minha pesquisa que explica:

Costumo dizer aos meus alunos que os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que lembrados pelo pesquisador; o que equivale dizer, que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever (CARDOSO, 1998, p. 34).

Os dados coletados no campo são necessários para toda pesquisa científica, propiciando que o que foi coletado e observado venha a se juntar com a teoria, ou seja, com os autores que defendem o tema da pesquisa, o referencial bibliográfico que é a sustentação do trabalho em si, junto com a análise dos dados coletados na ida ao campo, dando assim, “vida” para os dados contidos no texto.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Na análise das atividades diárias das operadoras de caixa, o trabalho é realizado de forma eficiente na frente de caixa, como é chamado no supermercado X, que para Cattani (2002) o trabalho significa:

Como categoria abstrata, o trabalho pôde ser entendido, estritamente, como esforço físico ou mecânico, como energia despendida por seres humanos, animais, máquinas ou mesmo objetos movidos por inércia (CATTANI, 2002 p. 341).

E desta maneira, para Cattani (op. cit.), o trabalho é aquilo que o trabalhador se esforça para fazer, utilizando sua força física naquela determinada obrigação que deve cumprir seja manual ou operando as máquinas que:

A energia colocada em movimento (o trabalho) tem por resultado a transformação dos elementos em estado de natureza ou, ainda, a produção, manutenção e modificação de bens ou serviços necessários à sobrevivência humana (CATTANI, 2002, p. 341).

Para ele quando o trabalhador libera a sua energia para o trabalho naquela determinada função, o resultado é a obtenção do produto final a sua elaboração e criação, segundo as normas e regras para se chegar à obtenção do produto alcançado. Desta maneira, quando ele libera a sua energia naquele determinado trabalho, a finalidade é produzir um bem ou objeto para sua sobrevivência e evolução.

E que o homem ao se utilizar da sua força corporal focaliza em obter o produto final para o seu modo de sobrevivência, isto é, num resultado final em que o produto de seu trabalho é gerado como afirma Marx (1996):

O trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural (MARX, 1996, p. 297).

Quando o homem faz a sua própria ação no desenvolvimento de seu trabalho acaba que por manter o controle de suas ações através de seu corpo que o orienta no seu modo de como vai manter o controle do seu modo de produzir que:

Ele põe em movimentos as forças naturais pertencentes a sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de se apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida (MARX 1996, p. 297).

Então ele se utiliza de seu próprio corpo como os braços, pernas e as mãos para conseguir produzir o resultado final do seu objeto de trabalho, se utilizando do seu mecanismo corporal para dar forma no objeto natural.

O homem atua deste modo, segundo Marx (1996), para se chegar a um determinado fim no trabalho, por meios das suas forças corporais que visam a transformação da matéria natural em determinada coisa que:

Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modifica-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeitas o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 1996, p. 297).

Sendo que o homem, segundo Marx (op. cit.), usa este movimento de seu corpo, os braços e pernas para transformar a natureza externa no produto final do trabalho, do seu meio de subsistência em que ele é orientado para aquele determinado tipo de função que exerce no seu trabalho que: Realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1996, p. 298).

O trabalhador deve cumprir a sua tarefa que foi imposta para ele, o de ser obrigado a produzir o determinado objeto de sua atividade, sendo classificado como lei do seu meio de subsistência que: Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho (MARX, 1996, p.298).

Como a presente citação já diz, o trabalhador deve ter um único objetivo para a sua produção, a finalidade de chegar ao produto da coisa final, tendo para isso atenção

em todo o tempo na hora em que se está em trabalho, pois sua função é lei e orientada para só uma finalidade e:

E isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais (MARX, 1996, p. 298).

O trabalho em si atrai o indivíduo enquanto está no campo, as determinadas funções em que estão inseridos e usa dedicação exclusiva como o tempo de trabalho como que: O mundo concreto do trabalho constitui-se como um *locus* por excelência para essa mediação, por mais não seja, pelo número de horas diárias que os indivíduos a ele dedicam (CATTANI, 2002, p. 163).

E isso explica que é necessário que o trabalhador tenha dedicação no seu trabalho, no seu modo de produzir, com atenção no que está fazendo no ambiente que está inserido, porque vai se criando o aperfeiçoamento da ferramenta, da máquina manejada por ele, a experiência e a habilidade:

O trabalho foi incorporado à ideologia burguesa como categoria universal e fundadora de toda a vida social, de forma independente de seu contexto histórico, como atividade natural de produção e troca de valores de uso, necessária à reprodução material da vida em sociedade (CATTANI, 2002, p. 344).

E o trabalho é visto, segundo Cattani (2002), como uma forma necessária para o indivíduo, na sua subsistência e evolução em sua vida material, com a concepção de crescimento na sociedade, na troca de valores, de experiência com o ser social, na sua objetividade de produção.

E que enquanto o indivíduo está no trabalho, este tem a sensação de domínio da coisa, a situação ou objeto que está controlando, devido a sua habilidade e experiência naquela atividade exercida pois:

O trabalho é a mediação natural externa necessária entre o homem e natureza. Para o autor, a dominação e a apropriação da natureza (fonte primária de todos os meios e materiais de trabalho) permitem à economia política ver o trabalho humano (ele próprio expressão de uma forma natural – vital) como fonte de valores de uso e, portanto de riqueza (CATTANI, 2002, p. 207).

Com isso, o ser humano se vê na necessidade de ter um trabalho pelo fato de sua sobrevivência, usando sua força externa que é o seu corpo, para produzir lucros para a sociedade e gerar riqueza para ele que: É importante ressaltar que o trabalho, como criador de valores de uso, é condição de existência do homem, independente das formas sociais de reprodução (CATTANI apud BENSALID, 1999, p. 447).

Desta maneira, o trabalho é a base para o indivíduo se sobreviver na sociedade, faz parte da sua vida e é necessário para a sua sobrevivência com um único objetivo de alcançar a determinada finalidade daquela produção dentro da sua área de serviço. Então, o trabalhador necessita do trabalho para o seu modo de subsistência dentro da sociedade na medida em que precisa calçar e vestir a sua família e fazendo parte do seu cotidiano que:

(...) Experiências do trabalho conformam modos de agir, pensar, sentir e trabalhar amarrados em dados momentos – mais ou menos duráveis – que evocam a conexão entre diferentes elementos, valores, necessidades e projetos (CATTANI, 2002, p. 304).

De fato, as pessoas que convivem naquele cotidiano de trabalho vivem trocando experiências de vidas pessoais e da maneira como trabalham, isto é, cada pessoa tem uma forma de realizar o trabalho, o modo de se trabalhar sendo:

Do mesmo modo, implica em diferentes possibilidades de invenção e criação de outros modos de trabalhar, na forma de transgressões ou mesmo de resistências – potências na conexão dos diversos elementos e dos modos de produzir e trabalhar (CATTANI, 2002, p. 304).

No trabalho, o indivíduo para si, cria várias inovações e formas de trabalho no seu cotidiano, a maneira de fazer e cumprir as suas obrigações para se chegar à determinada finalidade na criação do objetivo para aquela determinada especialidade que:

(...) O trabalho situa-se como espaço no qual se interseccionam dimensões da cultura e da vida “fora” dos locais de trabalho juntamente com elementos da própria organização laboral (CATTANI, 2002, p. 305).

E do mesmo modo de como o ser humano trabalha dentro do local de trabalho, foras destes continua sendo o mesmo tipo de cultura e questão social do qual se vê inserido com a mesma perspectiva de vida e o mesmo objetivo voltado para a construção de seu modo de subsistência em:

(...) Qualificação para o trabalho, (re) incorporando a experiência dos trabalhadores à base técnica, enriquecendo as tarefas, mas também, exigindo a sujeição e adaptação do desejo do trabalhador aos objetivos da empresa (CATTANI, 2002, p. 305).

As novas inovações para o trabalho estão acontecendo e o trabalhador fica sujeito a essas novas técnicas que estão dentro do ambiente do mesmo, que com as

inovações as indústrias acabam treinando os mesmos para o aperfeiçoamento da qualidade de trabalho que ele realiza e:

O lugar do trabalhador “nessas novas formas de conceber e organizar o trabalho” é influenciado, e também pela informatização que transforma os modos de conhecer e organizar os saberes necessários à execução das tarefas (CATTANI, 2002, p. 305).

E o trabalhador aprende novas formas de se trabalhar ao conhecer o ambiente de trabalho, usando técnicas de informação sobre a maneira de se planejar e dar forma ao objeto final que ele produz dentro da fábrica, com uma nova concepção de trabalho, a maneira de como vai criar a natureza das coisas, os saberes necessários para a aplicação no que o trabalhador cria com o que foi ensinado.

A informatização do trabalho colabora para que o trabalhador realize a sua função com rapidez e eficácia para aumentar a eficiência e qualidade da elaboração final do produto do seu trabalho.

E o termo trabalho é antigo como desde o início do mundo em que as pessoas começaram a ter que buscar algo na natureza para criar as formas para seu modo de subsistência e sobrevivência no mundo para seu próprio sustento:

Os princípios de racionalização produtivista do trabalho foram sistematizados e desenvolvidos pelo engenheiro norte – americano F.W.Taylor (1865 – 1915) (...) Esbarrou na autonomia dos produtores diretos e na sua capacidade de definir a sequência das tarefas e os ritmos de trabalho (CATTANI, 2002, p. 309).

Taylor definiu as novas formas de tarefas e ritmos que iam fazer parte do meio operário na década de 1865, que estabelecia o ritmo de trabalho em que as pessoas estão inseridas no seu ritmo de trabalho, planejando a execução das tarefas dos trabalhadores e:

Segundo Taylor, “os trabalhadores não são pagos para pensar, mas para executar”... Graças ao estudo dos tempos e movimentos é possível decompor-se o trabalho em parcelas elementares e simplificadas e, assim encontrarem-se maneiras mais rápidas e eficientes de executá-las (“*the one best way*”) (CATTANI, 2002, p. 310).

De fato, o trabalho se aperfeiçoou com a aceleração do modo de produção em que os trabalhadores estão inseridos, naquela concepção de que o indivíduo não pode pensar e sim só trabalhar, isto é, ele é privado de raciocinar e refletir sobre as questões sociais que acaba por acelerar e aumentar a produção da fábrica como: Cada tarefa corresponde a um posto de trabalho e, graças a um criterioso processo de recrutamento, é possível destacar-se o operário mais adequado para ocupá-lo “(*the right men in the*

right place)” (CATTANI, 2002, p. 310). Isto significa que cada trabalhador tem a sua determinada função dentro do ambiente de trabalho que aquela cargo que é adequado para ele, é ocupado pelo mesmo, pela habilidade que exerce na produção daquela determinada função e objetivo para a realização da produção e:

Organizado pelo taylorismo, o trabalho transfigurou-se em atividade: fragmentada, repetitiva, monótona e desprovida de sentido. Perdendo sua autonomia, sua capacidade de usar a criatividade, o trabalhador transforma-se em operário – massa, alienado do conteúdo do seu esforço produtivo (CATTANI, 2002, p. 311).

Deste modo, o trabalhador é pago só para fazer o seu trabalho, a realização repetitiva dos movimentos e das funções do mesmo cargo e função que é imposta pelo seu empregador, fazendo todos os dias as mesmas funções, sendo definidos como lei para chegar ao objetivo final do seu trabalho, o dever cumprido.

Nisso, o trabalho é essencial para o desenvolvimento humano na vida social do indivíduo para a sua própria subsistência e evolução dentro da sociedade com o foco direcionado para a finalidade de produção daquilo que o seu empregador exige que:

Paralelamente, associou-se a noção de trabalho (referente ao trabalhador livre, na relação assalariada) à sua forma institucional, o emprego. O trabalho, como emprego, como função a ser desempenhada **na** ou **para** a produção (incluindo-se aí, as funções indiretas de concepção) (CATTANI, 2002, p.345).

Assim, o trabalhador deve cumprir o seu papel no trabalho, na função que foi imposta para o mesmo fazer no seu setor de produtividade na função dos termos da relação assalariada que:

Assim, o trabalho é composto por, no mínimo duas partes: uma que compõe a prescrição, o comando, e o que a organização oferece para a execução do mesmo, que chamamos de tarefa, e outra parte, que é a maneira de o trabalho executar essa tarefa que lhe é determinada, que chamamos de atividade (CATTANI, 2002, p. 350).

E o trabalhador deve cumprir o seu tempo e dever dentro do trabalho para se chegar à obtenção da forma do produto que ele está produzindo ou realizando aquela determinada função imposta ao mesmo e:

O trabalho possui a propriedade de duração, expressa por um intervalo demarcado por um ponto de início e de término da ação e representada pelas medidas convencionais de tempo. As perguntas “quanto tempo? Quantas horas?” identificam a duração (CATTANI, 2002, p. 326).

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Neste presente trabalho, procurei observar as operadoras de caixa, isto é, o seu trabalho que segundo Marx “o trabalho não é senão o uso da força de trabalho, cujo conteúdo consiste nas aptidões físicas e intelectuais do operário” (1996, p. 37), e com isso, fui recebendo vários relatos destas que passam a maior parte do dia operando caixa ou seja, buscando identificar também seu perfil e seus hábitos ,a organização espacial ,a interação social e rotina.

A jornada de trabalho das funcionárias é de oito horas por dia, dividido em turnos de 06h50min, 08h00min, 11h00min e 12h00min por dia que acordo com Marx “a jornada de trabalho não é, portanto, constante, mas uma grandeza variável” (1996, p. 346). Desta maneira, elas também possuem duas horas de descanso que:

Durante parte do dia, a força precisa repousar dormir, durante outra parte a pessoa tem outras necessidades físicas a satisfazer, alimentar-se, limpar-se, vestir-se e etc. Além desse limite puramente físico, o prolongamento da jornada de trabalho esbarra em limites morais (MARX, 1996, p. 346).



Figura 1: Horário de descanso das operadoras de caixa
Fonte: Arquivos de Coleta de Dados

Nisto, as operadoras têm duas horas de descanso, sendo que algumas delas vão para as suas casas pelo fato de terem a sua responsabilidade de casa, e a maioria delas descansam deitadas numa área que fica atrás do mercado, um corredor com piso de concreto, com quatro ventiladores e três lâmpadas floreteadas. Ficam dormindo e repousando até retornarem para trabalhar, ancorada em Marx, compreendi que:

O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades espirituais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo nível geral de cultura. A variação da jornada de trabalho se move, portanto, dentro de barreiras físicas e sociais. (1996, p. 346).

Sendo que elas trabalham até mesmo doentes e que muitas destas são chefes de família e que precisam vender a sua força de trabalho para se sustentarem operando caixa como meio de sobrevivência, como afirma:

O capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se (...) de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais trabalho (...). O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou (MARX 1996, p. 347).

Ou seja, enquanto mais as operadoras de caixa vendem a sua força de trabalho, o capital ganha em si mais lucro e força para continuar a se desenvolver e continuar a crescer na sociedade do consumismo e das classes dominantes, sugando as forças de trabalho das operadoras, que em seus turnos as funções são divididas, umas para empacotar e a outra parte operando caixas.

A maioria destas que trabalham estão entre a faixa etária de 18 a 30 anos e muitas delas são mães jovens que pararam de estudar cedo por causa dos filhos e dos maridos e a vida a obrigou a ter que trabalhar cedo para comprar as coisas, como relata a operadora que:

Tive meu filho com quinze anos de idade, logo que comecei a namorar com meu namorado e tive que casar com ele, porque meus pais me obrigaram a casar com ele, e daí nasceu o bebê e parei de estudar porque não tinha com quem deixar ele, mas tenho vontade de voltar a estudar (Paula, operadora de caixa do supermercado X1, casada, 20 anos, um filho).

Sendo que a chegada também é dificultosa para estas enquanto trabalham, porque o horário de entrada para trabalhar é seis horas e cinquenta minutos e que para pegar o ônibus tem que estar cedo na parada e até as vezes para pegar dois e sem tomar café, e isso vai cansando e desgastando estas trabalhadoras em suas rotinas de trabalho que:

O trabalho torna-se um mero acessório da máquina e dele se exige apenas o manejo mais simples, mas monótono, mais fácil de aprender. Desse modo, os custos do operário se reduzem quase exclusivamente aos meios de subsistência de que necessita para o seu sustento e para reprodução de sua espécie (MARX, 2006, p. 38).

Além disso, há o fato de ter o desgaste físico, pela questão de a maioria das operadoras de caixa serem mães e terem que cuidar de casa e isso faz com que elas fiquem muito cansadas e com dores no corpo e nas costas, devido de terem uma folga por semana e trabalharem dois domingos seguidos e folgar um como relata Ane:

Já tenho um ano que trabalho em supermercado e não compensa, é muito cansativo, me sinto cansada, saí daqui e chego em casa e tenho que fazer as coisas e me sinto com muitas dores no corpo. É um trabalho bom, mas é cansativo, só tenho uma folga por semana e tem de trabalhar os dois domingos, mas preciso cuidar do meu filho, mesmo com dor vou trabalhar, (Op x, 28 anos, solteira, um filho).

E sendo que tem hora pra entrar, porém nem sempre se sai no horário certo que está previsto no contrato que Marx fala “O capitalista afirma seu direito como comprador quando procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho e transformar onde for possível uma jornada de trabalho em duas (1996, p. 349). Fazendo com que muitas operadoras se sintam chateadas e desanimadas com a questão das horas, pois é uma parte em que todas se queixam de sair tarde, aos domingos.



Figura 2: Operadoras de caixa em pé e empacotando
Fonte: Arquivos da Coleta de Dados

No domingo, elas se revezam quanto ao trabalho, isto é, operam caixa pelas manhãs e as tardes vão empacotar no caixa que é a hora em que o movimento diminui e demora pra passar um pouco, mas o trabalho continua sendo rápido, na qual Marx (2006, p. 39) afirma, “seja pelo aumento do trabalho exigido num determinado lapso de tempo, seja pela aceleração do movimento das máquinas etc.”.

4.1 Postos de trabalho das operadoras de caixa

Os postos de trabalho das operadoras são os caixas que é de cor cinza, composto por uma esteira rolante, que é quando a operadora puxa com o botão para arrastar a mercadoria, que assim evita de se levantar para pegar o produto , um leitor óptico que a mercadoria passa e ele tem a função de registrar ou ler o código de barras de cada produto, o monitor que é chamado de teclado em que tem as teclas com os números que serve para digitar o código de barras. A tela do computador fica à direita da operadora, e na frente fica a máquina de passar os cartões de débito e crédito, sendo quando o sistema fica fora do ar, tem mais dez máquinas disponíveis para a leitura dos cartões e uma máquina de digitar o cheque em cada um dos vinte um caixas, junto com a impressora que era uma branca grande que foi trocada por uma preta pequena e moderna, mudando o sistema que antes quando se passava a mercadoria, logo a nota saía, e que agora só sai o cupom quando o dinheiro é computado pela operadora.

Quando a operadora termina de passar as mercadorias, ela dá o subtotal no monitor e fala o valor total da compra para o cliente que lhe dá o dinheiro ou decide se resolve passar o cartão. Se ele resolve passar no cartão a operadora aperta a tecla chamada de Tef, que aparece na tela assim: “(1) cartão de débito e 2) cartão de crédito e o cliente dá a sua escolha e ela aperta em uma dessas opções e depois aparece “digite a senha”, e o cliente digita na máquina pendurada no lado da frente do caixa.

Se for em dinheiro, a operadora recebe o dinheiro e coloca em cima da mesa de inox do caixa e coloca as notas um por uma abertas, em ordem decrescente, sempre as maiores, que são fáceis de trabalhar, as notas de cem e de cinquenta, e as de vinte ,dez ,cinco e dois, olhando em atento para as notas para se verificar se são verdadeiras ou falsas, passando a caneta preta em cima.

O nome do mercado
A avenida
Endereço Porto velho telefone
CNPJ
Data Hora transação

Danfe NFC- e documento Auxiliar da Nota Fiscal Eletrônica para Consumidor Final

 Não permite aproveitamento de crédito de ICMS

<u>Item</u>	<u>Descrição/Cod</u>	<u>Qtde</u>	<u>Un</u>	<u>Vir</u>	<u>Unit</u>	<u>VirTot</u>
001	Bolo conf			22,50		25,47
	020409100113291,132 kg x					
QTD.	Total de		1			
Valor Total	R\$		25,47			
Forma de pagamento	dinheiro					
Valor Pago	25,47					
Outros						

 Informação dos tributos totais e Incidentes
(Lei Federal 12.741/2012)

Figura 3: Nota fiscal

Quando ela termina de contar o dinheiro se digita o valor e a gaveta abre e na tela do computador aparece o valor do dinheiro recebido do cliente e o troco que vai ter que ser entregue a ele, junto com a Nota Fiscal Eletrônica para o Consumidor Final que contém:

Área de mensagem Fiscal

Número 000086167 Série:001

Emissão: 28/02/2016 12:47:31

Consulte a Chave de Acesso em:

<http://www.nfc.sefin.ro.gov.br/consultanfce/consulta.jsp>

Chave De Acesso



11160204 0826 2400 2280 6500 1000 0861 6710

Figura Modelo de nota fiscal do supermercado X1

O modelo de nota fiscal desde começo de fevereiro 2014 para 2016 passou para este modelo, com melhor facilidade para compreender o que está sendo descrito no papel e as mercadorias que estão sendo registradas pelo leitor óptico do monitor que está sendo lido e passado um por um pela a operadora de caixa .

4.2 O Código de Barras

O código de barras é a maneira pelo qual os produtos são registrados no leitor óptico do computador do caixa. Entretanto, nem sempre os produtos da padaria, dos frios e do hort. frut. não passam como a operadora de caixa relata em uma das entrevistas que fiz com ela durante o intervalo de almoço no supermercado X1:

O código de barras da padaria é ruim pra passar, a gente tem que ficar ali balançando o pão, a sopa, o frango assado, os pote de comida, pra poder passar. Quando não passa a gente tem que ficar digitando os códigos, que mesmos inteiros, não conseguem ser lidos diretos pelo monitor, e isso toma tempo, em vez de terminar logo de passar a compra rápido tem que parar pra digitar estes códigos. Os códigos das frutas de vez em quando tem esse problema pra passar, por causa das etiquetas que ficam apagadas e que falta um número no final do código, tendo que pesar de novo a verdura e a fruta. O código de barras dos frios é do mesmo jeito, ficando molhados e rasgados como a linguiça e os frangos (Cátia, 23 anos, um filho, solteira, operadora de caixa).

4.3 Organização do trabalho das operadoras de caixa

O trabalho das operadoras de caixa é organizado da seguinte maneira : todas tem que trabalhar com o coletivo ,isto é, quando uma não tem uma caneta pra sentar no caixa, ela empresta da sua colega que está sentada na frente e quando falta um grampo de prender a nota ela pergunta se a outra não tem pra arranjar pra poder pregar o papel que Marx fala:

O trabalhador coletivo combinado, que constitui o mecanismo vivo da manufatura compõe-se, porém de apenas de trabalhadores parciais unilaterais. Em comparação com o ofício autônomo produz por isso mais em menos tempo ou eleva a força produtiva do trabalho. O método do trabalho parcial também se aperfeiçoa, após tornar-se autônomo, como função exclusiva de uma pessoa. (MARX, 1996, p. 455).



Figura 3: Operadoras de caixa em treinamento na máquina de contar dinheiro
Fonte: Arquivos da coleta de dados

Nisso a atividade diária delas quando está operando nos caixas preferenciais, num período que observei no dia 20/02/2014, no caixa 5 que é o caixa das pessoas gestantes, portadores de deficiência e mulheres com crianças de colo, que a operadora X atende do seguinte modo:

7h55 min	A operadora chega no caixa
8h 00 min	Operadora pega o fundo de caixa (dinheiro), abre a gaveta e coloca as moedas na gaveta.
8h 02 min	A supervisora registra o valor de cem reais, sai o papel de fundo e abre o caixa
8h04 min	Ela atende o 1° cliente: cumprimenta, registra a mercadoria, dá o subtotal, fala o valor, recebe o dinheiro e confere se as notas são verdadeiras, digita o valor, aperta dinheiro, abre a gaveta, guarda as notas nas repartições, pega o troco, espera a impressão da nota fiscal e entrega ao cliente.
8h10min	Ela atende o 2° cliente: cumprimenta, registra o pão, dá o subtotal, fala o valor, recebe R\$ 100,00 reais e confere, digita, aperta dinheiro, a gaveta abre, guarda o dinheiro, pega o troco, espera a impressão, mas o cliente á foi embora.
8h 15min	Ela atende o 3° cliente: cumprimenta, registra, passa as compras, dá o valor total, precisa de trocar dinheiro R\$10,00 reais, ascende a luz para chamar o supervisor, troca o dinheiro, espera a impressão sair e dá para o cliente.
8h 18min	Ela atende o 4° cliente: cumprimenta a mulher grávida, passa as compras com o bebê no carrinho, dá o valor total, ascende a luz para trocar o dinheiro com o supervisor, digita, gaveta abre, pega o troco, confere o dinheiro, espera a impressão sair e dá para a cliente.
8h 22min	O caixa é fechado para a outra operadora colocar as sacolas que estão faltando debaixo da mesa do caixa ,no primeiro compartimento de ferro , pintado de verde.
8h 31min	Ela atende o 5° cliente: cumprimenta o senhor de idade que está de moletas, ele passa as compras com ajuda de uma operadora, registra, informa o valor, confere as três notas de cem reais , digita, abre a gaveta, dá o troco, pergunta se aceita balinha, espera a impressão sair e dá para o cliente.
8h 40 min	Ela atende o 6° cliente: cumprimenta o senhor , passa o café em pó, informa o valor total ,ele pega as suas moedas para completar o valor, registra, confere o dinheiro, dá o subtotal, abre a gaveta, guarda as notas no compartimento, dá o troco unto com o cupom fiscal para o cliente.
8h 44 min	Ela atende o 7° cliente: cumprimenta o casal que está com o bebê, passa as compras, digita o código de barras do pão francês, faz uma troca do açúcar que está furado, informa o valor total, recebe o dinheiro, digita, dá o subtotal, confere as notas, abre a gaveta, entrega a nota fiscal para o cliente.
8h 50 min	Ela atende o 8° cliente: cumprimenta o cliente, passa a compra, digita, informa o valor, confere as notas, abre a gaveta, guarda o dinheiro, espera a impressão sair e entrega com o troco para o cliente.

9h 00 min	Ela atende o 9° cliente: cumprimenta, passa a compra, pergunta se tem saco para botar as compras, a operadora diz que só tem saco de cebola, informa o valor, confere as notas, abre a gaveta, entrega o cupom fiscal.
9h 15min	Ela atende o 10° cliente: cumprimenta, digita o CPF na nota a pedido do cliente (que antes de passar as compras, o CPF, tem que ser digitado primeiro) e passa as compras, informa o valor, recebe as notas, confere, espera a nota sair e entrega para o cliente.
9 h 20 min	Ela atende o 11° cliente: cumprimenta, passa as compras, digita o código do frango, informa o valor da compra, digita o dinheiro recebido, guarda e confere as notas, espera a impressão sair e entrega para o cliente.
9 h 24min	Ela fica sem clientes e nesse intervalo de tempo arruma seu caixa, limpando com a flanela, organizando as sacolas, estudando os códigos e vendo o movimento.
9h 30 min	Aperta o botão de ascender a luz para chamar o supervisor e levanta a placa e pede permissão para ir ao banheiro, fecha o caixa colocando o carrinho.
9h 34min	Passa cinco minutos no banheiro e seu caixa permanece fechado.
9h37 min	Atende o 12° cliente: passa as compras, pede pra pesar algumas frutas que não foram pesadas ,informa o valor, recebe o dinheiro, confere as notas, digita, abre a gaveta, guarda as notas e entrega o cupom fiscal.
10 h 04min	Atende o 13° cliente: passa as compras, digita o valor, recebe o dinheiro, verifica as notas, abre a gaveta, entrega a impressão para o cliente.
10 h 15 min	Atende o 14 ° cliente que passa as compras, digita o valor, recebe o dinheiro, digita, confere o dinheiro, informa o valor da compra, abre a gaveta , guarda o dinheiro, ,espera a impressão sair e entrega o troco junto com o cupom fiscal.
10h 22min	Atende o 15° cliente: cumprimenta, passa as compras, digita o valor, recebe o dinheiro, verifica as notas, abre a gaveta e espera a impressão sair, entregando para o cliente.
10h 26min	A operadora pede para a empacotadora ir pegar um pouco de água para ela beber, enquanto passa a compra do 16° cliente que é uma pessoa deficiente que está de cadeira de rodas. Quando é na hora de inserir o cartão, a operadora teve que tirar a máquina de ler o cartão e entregar na mão da cadeirante para poder inserir na função do cartão de crédito.
10h 28min	Atende o 17° cliente: o cumprimenta, registra as compras, recebe o dinheiro digita o valor, confere as notas, dá o subtotal, abre a gaveta, guarda o dinheiro, dá o troco e entrega a nota fiscal.
11h 32min	Atende o 18° cliente: é uma senhora gestante, passa a mercadoria, informa o valor, digita o dinheiro, confere as notas, abre a gaveta, verifica o troco, espera a impressão da nota e entrega para o cliente unto com o seu troco.

11h 36 min	Atende o 19° cliente: passa as suas compras, tem uma diferença do valor da mercadoria, aperta o botão pra chamar a supervisora que vai verificar o valor da mercadoria, faz a diferença entre os valores, desconta na compra,
11h 40m	Atende o 20° cliente: cumprimenta, passa as compras, informa o valor, digita , confere as notas, abre a gaveta, verifica o troco, espera a nota sair e entrega para o cliente. Supervisora fecha o caixa e ela sai com o malote até a sala para “bater o caixa”.

4.4 A entrega do dinheiro

Quando a operadora fecha o caixa, esta coloca o dinheiro no malote, lacra e embrulha numa sacola para a conferência do caixa ,que se chama bater caixa. Nisso ,ela chega numa mesa, corta o lacre da bolsa de pano verde, e tira o dinheiro, as moedas e as vias de cartão. As notas são colocadas na mesa e organizadas, as de cem, vinte, dez, cinco e dois, juntas como se mostra na foto:



Fonte: Beatriz Gomes dos santos

A forma de entregar todo dinheiro trabalhado pela operadora, desde a hora que ela chega e senta na cadeira de operar o caixa é esta. A moça ela meneja ua calculadora média, que contém as teclas dos números para calcular o dinheiro e dá o resultado final de quanto a operadora vendeu em dinheiro e vias de cartão de crédito e débito . Obtendo

no final das contas, se dobrou dinheiro ou se faltou, resultando no cálculo final da diferença no caixa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar o trabalho do cotidiano das operadoras de caixa, em suas determinadas funções de supermercado, na concepção de compreender as questões do funcionamento de como elas trabalham, como é o serviço feito pelas mesmas ao operar o caixa, no atendimento aos clientes e o dia que estas se encontram nos locais de trabalho.

A pesquisa procurou entender a concepção de trabalho de forma teórica e também como o mesmo é operado pelas funcionárias que foram observadas durante o trabalho de campo.

Com o seu desenvolvimento observou-se que o trabalho é feito para a subsistência do homem e sua necessidade, na sociedade que o mesmo habita. Sendo que as operadoras trabalham para uma única finalidade, de operar o caixa ao passar as mercadorias.

Essa pesquisa possibilitou observar uma alienação inconsciente por parte das operadoras de caixa que exercitam apenas os mesmos movimentos diários. Dessa forma, vimos que as mesmas não observam a diversidade de funções existente dentro do seu próprio campo de trabalho e em consequência da situação exposta acabam por muitas vezes sendo exploradas.

Como bem evidenciamos nesta pesquisa “o trabalho torna-se um mero acessório da máquina e dele se exige apenas o manejo mais simples, mas monótono, mais fácil de aprender. Desse modo, os custos do operário se reduzem quase exclusivamente aos meios de subsistência de que necessita para o seu sustento e para reprodução de sua espécie” (MARX, 2006, p. 38). Nesse sentido as trabalhadoras de caixa de supermercado evidenciam aquilo que Marx já apontava quando os meios de subsistência dessas trabalhadoras mulheres estão reduzidas a somente sua reprodução.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Roberto de Oliveira. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo – Sp. Unesp/ Paralelo. 2ª Edição, 1998. pp.17- 35.

CATTANI, Antônio David. **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. Antônio David Cattani (organizador) – 4ª ed. Ampl - Petrópolis: Vozes; Porto Alegre, 2002.

CRESWELL, John W. Projeto de Pesquisa.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.

GEERTZ, Clifford, **Uma Descrição Densa: Por uma teoria Interpretativa de Cultura**. 1978.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**/ Clifford Geertz; tradução. Vera Ribeiro. Revisão técnica Maria Cláudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper, 1884 – 1942. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné**. Traduções de Anto P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; revisão de Eunice Ribeiro Durham. – 2 ed. – São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MALINOWSKI, B. Baloma. **The spirits of the death in the Trobriand Islands** (excerto). In: - Magic ,science and religion; and other essays. Introdução de Robert Redfield, Nova York, Doubleday, 1954. Seção VIII, p. 237- 57.

MARX, K. e Engels. **Manifesto do Partido Comunista**/ Marx e Engels. São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 2006.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Volume I. livro primeiro. O processo de produção do capital. Editora Nova Cultura, Copyright desta edição 1996, Círculo do Livro Ltda.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. RJ: Zahar, 1982.

ROJAS SORIANO, Raul. **Manual de pesquisa social**/ Raúl Rojas soriano; tradução de Ricardo Rosenbusch - Petrópolis , RJ: Vozes, 2004.